



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

IGOR MONTEIRO BARBOSA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES DO SISTEMA PÚBLICO DE
ENSINO DO DISTRITO FEDERAL SOBRE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL**

**Brasília – DF
2014**

IGOR MONTEIRO BARBOSA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES DO SISTEMA PÚBLICO DE
ENSINO DO DISTRITO FEDERAL SOBRE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL**

Trabalho Final de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^a Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira

Brasília- DF

2014

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE PROFESSORES DO SISTEMA PÚBLICO DE ENSINO SOBRE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

Trabalho Final de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora doutora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Drª Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (UnB) – Orientadora

Proª Drª Fátima Lucília Vidal Rodrigues

Profª Drª Denise alves

Brasília- DF

2014

À todos aqueles que me acompanham todos os dias, incentivam e são os maiores responsáveis por alimentar a esperança, torcendo por um futuro melhor, promissor, repleto de alegria, confiança e compaixão. Especialmente às três pessoas mais importantes durante todo o processo educacional e de minha vida, ensinando a apreciar o valor e a importância de um amor verdadeiro e incondicional. Aos meus pais, **Igino e Teresa Cristina**, e a minha irmã **Flávia**

AGRADECIMENTOS

É com imensurável prazer e sensação de dever cumprido que, felizmente, chego ao final de mais uma importante etapa de minha vida, mas que não encerra-se na Graduação. Reconhecidamente admito o quão duro e árduo foi percorrer a trajetória acadêmica, iniciada antes mesmo de ser feita a escolha pelo curso de Pedagogia. Diversos foram os obstáculos e contratempos enfrentados, os olhares desconfiados e desacreditados após o anúncio de que seria um pedagogo. Inúmeras foram as dificuldades que apareceram durante o percurso, até mesmo a incerteza de saber se realmente era o curso certo, o caminho correto a seguir. Mas sim, a Pedagogia foi realmente a melhor e grande escolha, até pela vasta área de atuação, compreendida pelas disciplinas cursadas. Não digo que pensei em desistir, mas os citados olhares de descrença e desconfiança incomodaram, principalmente no início da graduação, fizeram-me pensar se realmente havia feito a escolha certa e principalmente se iria ser feliz com tal escolha. Mas agora que estou completando a minha formação no curso de Pedagogia, tive a certeza de que sempre tive e recebi total apoio dos amigos e familiares, nunca estando sozinho ou desamparado. E este apoio é que fez com que tivesse força e incentivo para seguir meu caminho, não desviando o foco inicial. Serei eternamente grato e feliz por saber que sempre terei tamanho apoio e respeito às minhas decisões.

Agradeço aos meus pais pela oportunidade de sempre proporcionarem boas escolas para estudar, ainda que isto fizesse com que tivéssemos de conter algumas despesas em prol da qualidade de ensino, que sempre estive em primeiro lugar. Agradeço também por nunca terem desistido de mim, mesmo no ano de 2005, quando fui reprovado no 1º ano do Ensino Médio. Estas questões me fizeram perceber ainda mais que o que de fato queriam, era que eu tivesse um futuro profissional e acadêmico melhor do que o que tiveram. Suas trajetórias de vida são belíssimas e de enorme superação. Mas os mais importantes e principais agradecimentos são pelo amor incondicional, infinita dedicação, vasta credibilidade, exemplo de vida que representam para mim e os valores éticos e morais que me

foram passados ao longo de 23 anos. Tudo isso foi essencial para me tornar a pessoa que hoje sou.

Agradeço à minha irmã, Flávia, pelo amor, apoio e preocupação durante toda a vida ao longo de seus 20 anos.

Agradeço à minha família, por todo o amor e apoio que sempre recebi. Cada palavra de incentivo foi importantíssima para que pudesse chegar aos momentos de ingressar e concluir a Graduação.

Agradeço e homenageio postumamente a minha avó paterna Mercedes, que teve a difícil missão de, mesmo viúva desde cedo, educar os filhos em meio à tamanha dificuldade financeira, fazendo-se necessário então, que muitos deles tivessem de trabalhar desde cedo. Já na condição de avó, ainda teve de criar alguns de meus primos, e a situação financeira permaneceu inalterada, contando principalmente com auxílio financeiro de meu pai. Serei eternamente grato pelos seus ensinamentos, exemplos de garra, força, fé e seu exemplo de vida. Nos 17 anos em que estivemos juntos não foi uma relação muito próxima, devido às dificuldades, mas tenho certeza de que onde a senhora estiver, seu coração está cheio de alegria, orgulho e emoção por esse momento.

Agradeço e homenageio, também postumamente a meu avô materno Domingos, de origem humilde mas que, enquanto pai, criou e educou seus três filhos (Eduardo, Cristina e Paulo), não medindo esforços para ensinar-lhes os mais corretos valores éticos e morais. No final da década de 1980 “adotou” mais um filho: meu pai, Igino. Na condição de avô, continuou ensinando a todos os seus netos estes mesmos valores, buscando sempre que nos tornássemos pessoas melhores, mas principalmente, pessoas de bem. Seus ensinamentos e princípios serão sempre levados por todos aqueles que tiveram a oportunidade de lhe conhecer, mas principalmente de ter a honra de conviver contigo. Durante 18 anos tive este privilégio, e tenho certeza de que onde o senhor estiver, seu coração está repleto de alegria, orgulho e emoção.

Agradeço à Karina por ser a fiel companheira de meu pai desde 2009, estando junto com a família em todos os momentos, sejam alegres ou de gigante apreensão e preocupação. Agradeço também a meu irmão Salomão que ainda é muito novo e não tem noção de sua importância para a família, mas desde 2010 nos alegra, diverte e ensina.

Agradeço aos professores que, direta ou indiretamente fizeram parte da

minha história dentro da Faculdade de Educação. Sua dedicação e contribuições foram fundamentais para o meu desenvolvimento durante a graduação. Agradeço às professoras Hélivia Leite, Maria da Conceição Freitas e Nara Pimentel, por terem auxiliado na construção do conhecimento e sido minhas orientadoras nos Projetos 3 e 4, nos quais aprendi muito e certamente colocarei em prática os conhecimentos apreendidos. Mas em especial, agradeço à minha orientadora, Teresa Cristina Siqueira, pelo imediato acolhimento, orientação e compromisso que estabeleceu comigo. O carinho, paciência e dedicação que tiveram comigo durante as aulas e semestres, bem como no processo de conclusão do curso foram fundamentais para que eu chegasse a este momento ainda mais confiante de ter desempenhado um bom papel. Aproveito para agradecer a banca examinadora desse trabalho, pois os presentes membros tiveram influência durante o percurso até então percorrido por mim.

Agradeço também aos amigos, amigas e colegas de profissão que construí durante esse ciclo, iniciado em meados de 2009 e findado no final de 2014. São eles Gabriela Moreira, Alinne Eirado, Érica Cavalcante, Camila Cançado, Rafaela Andrade, Ana Carolina Mendonça e Anna Carollina Mendonça. Pela amizade, almoços, os sorrisos, trabalhos e disciplinas que cursamos juntos.

Agradeço a meus amigos Lucas Saliba, Rodrigo Albuquerque, Léo Borges, Luís Gustavo Republicano, Raphael Senna e Pedro Gabriel Montejo que há mais de 10 anos estão comigo em praticamente todos os momentos.

Por fim, apesar de não haver citado nominalmente, agradeço a todos que foram e são muito importantes em minha vida e de maneira direta ou indireta estiveram ao meu lado nessa trajetória, contribuindo para meu crescimento pessoal e agora profissional.

Meu carinho e gratidão serão eternos a todos que passaram e deixaram alguma lembrança nesses 24 anos de vida. Sempre me lembrarei de vocês com carinho especial.

O meu sincero e eterno MUITO OBRIGADO a todos!

“O saber a gente aprende com os mestres e com os livros. A sabedoria, se aprende é com a vida e com os humildes.”

Cora Coralina

RESUMO

O presente estudo visa identificar representações que os professores têm sobre a Orientação Educacional, baseado na teoria das Representações Sociais, introduzida por Serge Moscovici, nos conceitos históricos da Orientação Educacional e pautado por um método de matriz epistemológica qualitativa. Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário de perguntas subjetivas para quatro professores do sistema público de ensino do Distrito Federal, selecionados por conveniência. Para a análise dos resultados, foi feita a interpretação das respostas fornecidas pelos respondentes, além da utilização de uma adaptação da técnica de análise de conteúdo. Os resultados obtidos indicam que para os participantes, a presença de orientadores educacionais nas escolas deveria ser obrigatória, mesmo não havendo total clareza quanto à sua função nas instituições de ensino. Conclui-se, então, que a Orientação Educacional desempenha papel fundamental na formação, desenvolvimento de relações interpessoais e ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Representações Sociais; Orientação Educacional; escola; formação; ensino-aprendizagem.

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
APRESENTAÇÃO.....	11
Primeira parte	
• MEMORIAL.....	13
Segunda parte	
Monografia: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES DO SISTEMA PÚBLICO DE ENSINO DO DISTRITO FEDERAL SOBRE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL	
• INTRODUÇÃO.....	20
• JUSTIFICATIVA.....	21
• OBJETIVOS.....	22
1. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	23
2. ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL: APROXIMAÇÕES HISTÓRICAS E LEGAIS.....	25
3. METODOLOGIA.....	30
3.1 Método.....	30
3.2 Instrumento.....	30
3.3 Procedimentos.....	32
4. ANÁLISES DOS RESULTADOS.....	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
Terceira parte	
1. PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	45

REFERÊNCIAS.....	46
APÊNDICES.....	48

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso de graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília está dividido em três partes: memorial, monografia e perspectivas profissionais.

A primeira parte do presente trabalho é o memorial, texto em que relato a minha história de vida. Foi escrito e desenvolvido focando principalmente o âmbito educacional e os caminhos significativos motivadores para a realização do presente estudo.

A monografia, segunda parte, é composta de 3 (três) capítulos, apresentados pela ordem: Representações Sociais; Orientação Educacional; Metodologia. No primeiro capítulo, apresento o histórico da Teoria das Representações Sociais introduzido por Serge Moscovici, bem como a sucessão da mesma por outros autores significativos.

No segundo capítulo, descrevo a história da Orientação Educacional, desde sua suposta origem nos Estados Unidos e introdução no Brasil, até os dias atuais, percorrendo alguns dos diversos momentos históricos relevantes. Apresento também, leis relacionadas à função de orientador, bem como regimentos para o exercício da mesma.

Para o terceiro e último capítulo, explico a parte metodológica para a execução e obtenção de análises para corroboração dos objetivos do presente estudo. Na Metodologia, ilustro qual foi o método utilizado, o instrumento de pesquisa, os procedimentos de coleta de dados e, por fim, quem foram os participantes destes procedimentos.

Na terceira parte do trabalho, apresento minhas perspectivas profissionais, expondo desejos e anseios de realizações, ainda mais aparentes a partir do momento da conclusão do curso de Pedagogia.

PRIMEIRA PARTE

MEMORIAL

Para falar da minha vida, é impossível que o faça sem citar meus pais, que assim como muitos pais que conheço, saíram de suas cidades de origem, vindo a se encontrar em Brasília. Oriunda da cidade do Rio de Janeiro, Teresa Cristina, minha mãe, veio com meus tios e avós para a “nova Capital”. Na década de 1960, era uma migração natural e corriqueira, embora muitas famílias descreditassem das perspectivas e esperanças que eram depositadas no Centro-Oeste brasileiro, mais especificamente no Distrito Federal (DF). Desejo comum da maioria dos pais, meus avós sonhavam com uma vida melhor para seus filhos, com futuro melhor e mais promissor do que aquele que tiveram outrora. Com as dificuldades financeiras e pouca oferta de escolas no DF, minha mãe e seus dois irmãos estudaram em escolas públicas, sendo que o mais novo concluiu seus estudos no Colégio Militar de Brasília (e segue carreira militar). Minha mãe conclui o Ensino Médio no final da década de 1970 e, em 1984 ingressa na União Pioneira de Integração Social (atual UPIS – Faculdades Integradas), conciliando o curso de Estudos Sociais com o então emprego na Infraero.

Meu pai por outro lado, advindo de uma infância de grande carência e dificuldade financeira, mudou-se de Unaí, Minas Gerais, com a família para o DF. Precisando ajudar nas despesas domésticas, chegou a vender picolé e trabalhar em um pequeno mercado antes mesmo de completar a maioridade. Durante dois anos serviu ao Exército brasileiro, concluindo inclusive os estudos no Ensino Médio através do extinto Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e também com supletivo. Ao final da década de 1980 ingressou na Associação de Ensino Unificado do DF (AEUDF, atual UDF – Centro Universitário), onde cursou e graduou-se em Administração, conciliando os estudos com seu emprego no Ministério da Saúde (local em que trabalha há mais de 30 anos).

Em meados do ano de 1987 meus pais se conhecem, vindo a casar em julho do ano seguinte. Aos 12 dias do mês de fevereiro de 1990, eu nasci, sou o primeiro filho do casal. Por ocasião do meu nascimento minha mãe já havia concluído o Ensino Superior e formada em Estudos Sociais, meu pai estava na fase final de sua graduação, vindo a forma-se em Administração, conforme dito anteriormente..

Em 1993, sou matriculado no Maternal e Jardim de Infância Golfinho Dourado (atual Escola Golfinho Dourado), onde comecei a ter mais contato com livros – ainda necessitando de ilustrações e de que alguém lesse as histórias para mim - e atividades lúdicas. Por ser muito novo nessa época (três anos de idade), recordo de poucas coisas, mas sei que gostava muito de passar o dia na escola e interagir com as demais crianças. A propósito, ficar na escola era essencialmente algo deveras prazeroso para mim. Ainda nessa escola aprendi as primeiras letras, dando início a minha alfabetização.

Em 1995 mudei para a Escola Branca de Neve, passando a ser mais independente com relação a algumas tarefas, como na utilização de talheres e necessidades fisiológicas. Também comecei a criar vínculos com as demais crianças, passando a compreender a noção de amizade. Creio que 1995 foi o ano de grande mudança para mim, pois foi a partir desse momento que aprendi a ler e escrever, ainda que sem muita fluência nas palavras. Porém, os cadernos de caligrafia e com letras pontilhadas passaram a fazer parte de meu cotidiano, mesmo não existindo grande cobrança para que fosse formalmente letrado já nesse período. No começo de minha alfabetização formal, tive certa facilidade para assimilar as letras e formas as primeiras sílabas, sabendo distinguir os sons formados para cada junção. Contudo, em um segundo momento passei a ter um pouco de dificuldade, em especial na formação de palavras. De acordo com minha mãe, não chegava a ser nada preocupante, haja vista que outrora encontrei a citada facilidade.

Saindo um pouco da sala de aula, as brincadeiras no parquinho da escola eram fundamentais para que pudesse interagir ainda mais com os colegas e, de fato, não tinha problemas para me relacionar. Era muito querido pelas professoras e funcionários do colégio, bem como pelos colegas de turma. E a recíproca é verdadeira, pois sempre me dei bem com todos aqueles com que tive prazer de conviver. Como não tinha com quem ficar no contraturno das aulas, passava o dia inteiro na escola, mas com alegria, pois muitos dos colegas da manhã também ficavam à tarde no programa pedagógico e ludoteca que a escola oferecia.

Em 1997 ingresso no Colégio Rodolpho de Moraes Rêgo (atual Colégio Moraes Rêgo), que é a filial da Escola Branca de Neve para o Ensino Fundamental, desde os anos iniciais. E na 1ª série (atual 2º ano) aprendi a fazer as contas matemáticas simples, sem dificuldades. Ainda nesse momento passei a ler e escrever melhor, sabendo interpretar e compreender a maioria dos textos e histórias.

As maiores diferenças sentidas foram com relação ao aumento de responsabilidade e independência, uma vez que passei a ter tarefas de casa e precisava me organizar para fazê-las. Durante as aulas havia textos para serem lidos em voz alta, e muitas vezes me candidatava a ser o leitor. Era também uma das maneiras que encontrei para buscar me destacar frente aos colegas.

Outra mudança significativa foi com relação às avaliações escolares, até então desconhecidas. Apesar de causar estranhamento no princípio, obtive bons resultados, não apenas com o resultado, mas com relação também ao desempenho frente a este novo desafio. Ainda em 1997 comecei a fazer aulas de Judô, que auxiliaram bastante nas questões disciplinares tanto em casa quanto na escola. Até o ano 2000, quando cursei a 4ª série (atual 5º ano do ensino fundamental) não houve mudanças significativas. Mas passamos a ter uma espécie de preparação para o ano seguinte, que seria, para muitos o “divisor de águas”. A carga de tarefas, trabalhos e cobranças nas avaliações aumentaram significativamente, mas não de forma exacerbada. O propósito era, de fato para nos preparar para a transição.

Em 2001, na 5ª série (atual 6º ano) é que houve brusca mudança. Se até então as aulas eram ministradas apenas por um professor, a partir desse momento seriam divididas por campos de conhecimento, com professores específicos para cada disciplina. E esta mudança foi significativa, pois fez-se necessária toda a ambientação, organização e aumento de responsabilidade. Até o ano anterior, as professoras eram como mães, que auxiliavam nas tarefas, organização dos materiais. O senso de independência aumentou consideravelmente, uma vez que os professores não tinham relação tão próxima quanto os anteriores. Não digo que não se preocupavam ou deixaram de auxiliar, mas a relação era mais distante. Ainda assim, a adaptação foi rápida e exitosa.

Em 2002, ingressando na 6ª série do Ensino Fundamental (atual 7º ano), sou matriculado no Colégio Madre Carmen Sallés, que ficava mais perto de casa. Esta sim foi uma mudança bastante sentida, pois todos os meus amigos continuavam no Moraes Rêgo e eu não conhecia ninguém na escola nova. Além disso, precisaria me adaptar a nova metodologia, novo ritmo de ensino e professores. O fato de ser um colégio católico não foi tão relevante quanto pensei, mas ter aulas de Religião era inusitado para mim. Felizmente consegui me enturmar rapidamente, mas ainda precisava adquirir o ritmo de ensino e aprendizado na nova escola. Os primeiros meses causaram estranheza, pois as avaliações não mais valiam 10 pontos como

na escola anterior, mas sim 3 (três) ou menores valores, que somados totalizavam os 10 pontos. Além disso, o fato de no começo de cada bimestre os professores encaminharem para os alunos a programação de como seriam as aulas, conteúdos ministrados e tarefas também era novidade para mim, pois estava acostumado com lembretes sobre avaliações, tarefas e trabalhos.

Mas certamente aumentou ainda mais a minha noção de responsabilidade e independência, pois eu precisaria ser mais atento às obrigações. O ritmo das aulas e as avaliações eram mais rigorosas, o que resultou em notas inferiores às de outrora. Até a 8ª série (9º ano atual) não era motivo de preocupação, pois conseguia recuperar o prejuízo. Mas em 2005, no 1º ano do Ensino Médio fui reprovado. Esse resultado foi um choque de realidade, mas não chegou a ser surpreendente considerando o desempenho durante o ano letivo. Meus pais pagaram professor particular e frequentei as aulas de reforço oferecidas pelo colégio, mas não foi suficiente.

Ainda hoje, muitos alunos que são reprovados de ano mudam de escola, seja por vergonha dos demais, seja para estudar em uma instituição “menos rigorosa” ou “mais fácil”. Meus pais entendiam que a mudança não seria benéfica para mim, além de verem a mudança como um “agrado” e prêmio pela falta de empenho. Sequer cogitei a possibilidade de mudar de colégio, pois de fato gostava de onde estava e de saber que apenas não teria meus amigos nas aulas, mas que teria a companhia deles nos intervalos. Em 2006 fui aprovado para o 2º ano, mas já estava desgostoso e desgastado com o colégio. 2007 foi meu último ano no Carmen Sallés, pois em 2008, ingressando no 3º ano do Ensino Médio mudei para a mesma instituição em que minha irmã estudava: Colégio Sagrada Família.

E esse foi um ano de mudanças, pois sabia que seriam novas pessoas e que teria “apenas” um ano para me enturmar. Surpreendentemente não demorou para que tivesse amigos no colégio novo, mostrando que a adaptação às pessoas foi rápida. Meu desempenho escolar também foi muito bom e não encontrei dificuldades para ser aprovado, encerrar o Ensino Médio e pensar adiante.

Entre os anos de 2005 e 2008 é que comecei a pensar com mais seriedade em qual curso e que profissão seguir. Não considero tradição, mas meus pais, tios e também os primos mais velhos têm graduação em Nível Superior. Não que tenha servido de “alavanca” para mim, pois já tinha em mente que iria ingressar e dar prosseguimento aos estudos.

Muitas foram as dúvidas, equivalentes a quantidade de cursos instituições de ensino que são oferecidos. Excluindo cursos que englobam as disciplinas que eu não obtinha boas notas na escola comecei, então, a excluir alguns cursos de nível superior. Resolvi então escolher em qual instituição estudar, mas tendo em mente que seria complicado para meus pais pagarem as mensalidades de instituições particulares, mas até esse momento não havia feito a escolha de que profissão seguir. Como cursar e estudar em outra cidade acarretaria em despesas semelhantes ou ainda maiores das presentes até então, tracei o objetivo de ser aprovado no vestibular da Universidade de Brasília (UnB). Para tanto, sabia que seria necessário estudar e me dedicar um pouco mais do que o costumeiro, quando estudava para as avaliações escolares.

Os ciclos de palestras com profissionais das diversas áreas, realizados no Sagrada Família foram de grande valia, pois sanaram muitas dúvidas e expandiram horizontes, não apenas para mim, mas para os alunos do 3º ano do Ensino Médio.

Ainda não tinha certeza de qual carreira seguir, que curso iria fazer. Mas sabia que realmente queria graduar-me na UnB e que não tinha vocação para alguns cursos de Educação Superior. E essa falta de vocação, até mesmo de jeito, fez com que ainda no Ensino Médio demonstrasse muita vontade de cursar Comunicação Social e ser publicitário. Mas um lado meu pedia para a Psicologia ou Educação Física. Conversando com familiares, percebi que tenho duas tias pedagogas (tia Lélia e minha madrinha Heloísa). Ambas me contaram com o que trabalhavam, sendo que a primeira não era em ambiente exatamente escolar, mas tinha a ver com Educação. A segunda, por sua vez, é professora em uma escola no Rio de Janeiro, vindo a ser coordenadora pedagógica. Fazendo o comparativo, percebi que a Pedagogia engloba muito mais do que a sala de aula, e essa variedade de ambientes para trabalhar me impressionou de tal forma que, antes mesmo de fazer matrícula no cursinho preparatório, escolhi que a Pedagogia seria o curso a ser feito, meu futuro profissional.

Com o objetivo traçado, era chegado o momento de colocar em prática as ações que o realizariam. No início de 2009 matriculei-me no cursinho preparatório para o vestibular e, naquele mesmo ano consegui a sonhada aprovação para ingressar na UnB, no curso de Pedagogia. Independente de olhares tortos e de descrença no curso, estava decidido a cursar e me aventurar nessa graduação, conhecer e verificar se a “propaganda” outrora feita por minhas tias, era verdadeira. A

cada aula, disciplina e semestre cursado, evidenciava que fiz a escolha certa e que o *status* profissional, por vezes apresentado pela sociedade não era relevante para mim. O vasto campo de atuação de pedagogos foi primordial para que eu não desanimasse ou desistisse do curso, pois saber que há diversas possibilidades e ambientes de trabalho era algo confortante.

Durante a trajetória acadêmica no curso de Pedagogia, transitei por diversas áreas de conhecimento, mas escolhi aprofundar os estudos no campo da Orientação Educacional/Vocacional e com viés em Psicologia Social. Essas foram as temáticas que mais despertaram meu interesse de estudo durante a trajetória acadêmica na Universidade de Brasília, pois inclusive reforçam o fato de que pedagogos não trabalham apenas com crianças e anos iniciais, mas também com jovens e adultos. Desde os primeiros semestres cursados, tive muita empatia pelas disciplinas que envolvem Psicologia e as Orientações que já eram de alguma forma, meus dois grandes focos ao ingressar na Graduação. Ao cursar essas matérias e suas correlacionadas, tais fatos corroboraram para a escolha definitiva da temática a ser apresentada como trabalho de conclusão do curso de Pedagogia.

Além da empatia pela temática aqui apresentada, outros fatores que também me interessaram bastante para desenvolver este estudo foi pela lacuna de trabalhos e publicações recentes no campo das Orientações, tendo como referência que a maioria desses data das décadas de 1970 a 1990, e a não obrigatoriedade da presença de orientadores educacionais nas instituições escolares. As supracitadas questões aumentaram o interesse em aprender e pesquisar mais sobre o assunto, e igualmente levaram à produção do estudo aqui apresentado.

Apesar do foco maior do curso de Pedagogia ser na Educação Infantil, acredito que minha vontade durante a trajetória acadêmica sempre foi aprofundar os estudos e trabalhar com adolescentes e turmas de Ensino Médio, pensando nas áreas de Orientação e Coordenação.

SEGUNDA PARTE

INTRODUÇÃO

A área das representações sociais voltada para a educação contribui para a melhor compreensão de como são construídas as relações sociais na escola, e como ocorrem as relações de ensinar e aprender, e relações interpessoais (aluno-aluno; professor-aluno; professor-família). Dentro do ambiente escolar, a Orientação educacional permite auxiliar o desenvolvimento do sujeito não apenas como aluno, mas também como um ser social. Assim, é possível perceber quais são as representações e os fatores mais relevantes para a tomada de decisão e escolhas durante a trajetória educacional de cada aluno.

A partir dessa concepção, torna-se relevante considerar o papel dos orientadores educacionais, que passam a ser vistos como possíveis agentes de mudança social, uma vez que são profissionais capacitados para aconselhar e auxiliar os jovens em momentos de escolha, questionamentos e dúvidas. Para tanto, é necessário compreender e expandir o vínculo entre a escola, sujeito e a comunidade, para que todos se desenvolvam e estejam em sintonia na formação e constituição educacional do ser.

O interesse pela temática aqui apresentada surgiu a partir da correlação existente entre o estudo da Teoria das Representações Sociais, do autor Serge Moscovici, e o Projeto 3 em Orientação Educacional/Vocacional da Faculdade de Educação. A justificativa para a realização desse estudo está em conhecer algumas das representações sociais de professores do Distrito Federal sobre as questões educativas que os cerceiam.

Para Michel Gilly (2002), “[...] há ainda poucas pesquisas no domínio educativo onde as representações sociais ocupam um lugar central.” Tal entendimento nos leva a refletir sobre as práticas que nos cercam e muitas vezes não são levadas à reflexão para aprofundamento e/ou sutis mudanças que não reformulariam completamente o entendimento que temos sobre as Representações e as práticas escolares. A partir desse momento, é possível atribuir novos significados e diferentes importâncias para a função das Representações Sociais e a Orientação Educacional. O presente estudo objetiva identificar e analisar as Representações Sociais de professores de escolas públicas sobre a Orientação Educacional no Distrito Federal.

JUSTIFICATIVA

Durante a trajetória acadêmica, os Projetos 3 e 4 foram voltados para a Orientação, tanto Vocacional quanto Educacional. Embora com professoras diferentes (Hélvia Leite e Maria Conceição nas três fases do Projeto 3, e Nara Pimentel nas duas fases do Projeto 4), o foco sempre foi buscar trabalhar e aprofundar a Orientação com jovens do Ensino Médio, tanto de escolas públicas quanto de escolas particulares do DF.

Compreender a importância e relevância da Orientação Educacional, bem como a representação que os professores do sistema público de ensino do Distrito Federal têm sobre a temática aqui abordada, além de importantes à minha formação, foram os principais motivadores para que eu tivesse vontade de aprender e aprofundar-me mais sobre o assunto. Talvez por não ter durante a trajetória nos ensinos Fundamental e Médio, conversado com psicólogos ou pedagogos, não fazia ideia da dimensão e complexidade envolvida na importância da Orientação Educacional e as consequências atreladas a sua ausência, e o que acarretam na escolha profissional. Faz-se necessário, então, compreender a importância da Orientação e o que representa para os que irão escolher uma carreira, profissão.

Para decifrar os caminhos que nos levam a escolher curso X ou Y, precisamos compreender que o desenvolvimento e a consolidação da escolha são fatores que têm ligações externas na maioria dos casos, mas é de suma importância que sejam realizados trabalhos com orientadores e professores, profissionais capacitados para auxiliar os jovens durante este processo de mudança de objetivos.

Aliada a estas questões, está a lacuna de trabalhos e publicações recentes nas áreas que serão apresentadas no presente estudo, e acredito serem fundamentais para a preparação e desenvolvimento social dos jovens.

OBJETIVOS

Geral:

Identificar e analisar as representações de professores do sistema público de ensino do Distrito Federal sobre Orientação Educacional.

Específicos:

- Identificar a relevância da Orientação Educacional na visão dos professores do sistema público de ensino do DF.
- Identificar as vantagens e desvantagens da presença de orientadores educacionais nas escolas de Ensino Médio.

1. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A teoria das Representações Sociais apareceu pela primeira vez em 1961, com o teórico Serge Moscovici. As Representações são resultado de interações sociais, explicações para eventos cotidianos e traduzem o pensamento do senso comum. Seu objetivo inicial era identificar as diferentes práticas sociais existentes nos variados grupos e situações, baseando-se na psicanálise para alcançar resultados propostos por Moscovici. Motivado pela necessidade de redefinir o campo de estudo da Psicologia Social existente até então, o autor produz a obra “Psicanálise: sua imagem e seu público”, em 1961.

Sua teoria refere-se às correntes psicológica e sociológica, sendo tratada como psicossocial, pois envolve o individual (psicológico) e coletivo (social) em todos os momentos em que se desenvolve e estrutura-se. Entretanto, Moscovici não enxerga as representações sociais apenas como “opinião sobre...” ou “imagem de...”, mas sim como retrato da realidade até então vivenciada e estudada por ele, nos âmbitos macro (sociedade) e micro (sujeitos), bem como as relações interpessoais. As Representações Sociais fundamentam as ações sociais, pois preparam o ambiente para a ocorrência de determinados comportamentos.

Desde sua formulação, a Teoria das Representações Sociais sustenta-se pelos conhecimentos assimilados e apropriados graças às experiências cotidianas e novas caracterizações de significados historicamente construídos – porém, não enraizados a ponto de não poderem sofrer alterações para seu entendimento.

Moscovici (1984) atribui dois processos primordiais para a compreensão de sua teoria: objetivação e ancoragem. O primeiro altera as ideias abstratas e subjetivas, transformando-as em imagens concretas, através do reagrupamento de ideias e imagens focadas no mesmo assunto. Assim, a objetivação pode ser explicada como sendo a materialização da realidade concreta, “(...) reproduzir um conceito numa imagem.”.

A ancoragem, por sua vez, é o processo de reconhecimento de objetos não familiares, preso à assimilação de imagens previamente criadas pela objetivação. A ancoragem é, então, o conceito em que "revelamos nossas teorias sobre a sociedade e o ser humano" (Moscovici, 1976, p. 34). Assim, este processo refere-se à atribuição de categorias e nomes à realidade, às formas concretas como os

indivíduos se inserem na sociedade, e se apropriam dos esquemas de categorização de seus grupos (Doise, 1989)

A Teoria das Representações Sociais refere-se, então, a aspectos conceituais, apresentando-se majoritariamente como campo de teorizações e pesquisas, e não como uma teoria fechada, de conhecimentos que não são nem homogêneos, nem "partilhados enquanto tais por toda a sociedade" (Moscovici, 1988; p. 219).

Concomitante e posterior à teoria de Moscovici, surgiram outros autores que se aprofundaram e complementaram o entendimento sobre as Representações Sociais, tais como Denise Jodelet, Willem Doise e Jean Claude Abric. Com novas ideias e conceitos apresentados, estes três autores ajudaram a compreender algumas das novas vertentes da teoria de Moscovici.

Jodelet, adepta da corrente psicológica, mas com fundamentações também antropológicas, é base de uma das abordagens das representações sociais. Abric, por sua vez, faz uso do cognitivo-estrutural, presente na Teoria do Núcleo Central. Doise, entretanto, foca nas condições de produção e circulação das representações sociais, baseado, assim, em teorias sociológicas.

Para Jodelet (2001), o senso comum designa uma forma de pensamento social, mas com modalidades de pensamento crítico. Para ela, as representações são forma de conhecimento e prática social. Todavia, conforme Alves-Mazzoti (1994), as representações retratam um processo psíquico, com intuito de familiarizar e aproximar do sujeito, objetos que estejam ausentes ou que não sejam de seu conhecimento até então. A autora diz que são estabelecidos vínculos entre os objetos, valores e experiências do sujeito, de acordo com as mais variadas oportunidades e contextos sociais, culturais, históricos.

As representações não são apenas mediadoras, mas caracterizam-se também por modelar e constituir respostas aos variados estímulos presentes no processo entre o universo interior e exterior do indivíduo, conforme Moscovici (2010). Dessa forma, as representações sociais indicam reconstrução, e não reprodução de algo anterior, partindo ou não do imaginário individual.

2. ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL: Aproximações históricas

A Orientação Educacional não tem precisamente registros de quando se iniciou, mas historicamente data do início do século XX, por volta da década de 1930 (nos EUA e na Europa – com Centros de Orientação Profissional), como ramo da Orientação Profissional, no contexto do desenvolvimento da indústria norte-americana, voltada ao capitalismo e geração de empregos formais, bem como a máxima produtividade. No Brasil, a Orientação Educacional teve seus primeiros registros por volta da década de 1940, quando houve significativas mudanças na sociedade brasileira, incluindo ajuda vocacional aos jovens.

Durante a década de 1940 não havia cursos para a Orientação Educacional no Brasil, tampouco reconhecimento para as pessoas que trabalhavam nesse campo de conhecimento. Essa situação permaneceu inalterada até a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1961, que destacou a atuação dos orientadores e da Orientação para alunos primários e secundários.

Todavia, apenas em 1968 com a nova Lei 5564/68 é que a profissão de orientador foi sancionada, tendo como objetivo primário e fundamental o desenvolvimento integral da personalidade do aluno. Consequência de tal sanção foi a obrigatoriedade da formação em nível superior àqueles que desejassem seguir a profissão. Três anos depois, em 1971 foi decretada a LDB 5692/71, estabelecendo que a Orientação Educacional compreenderia os ensinos de 1º e 2º graus e teriam os orientadores o papel de aconselhamento vocacional os alunos.

Ainda no século XXI as funções dos orientadores não são tão claras e objetivas, haja vista que nem todas as escolas e instituições de ensino possuem em seu quadro de funcionários orientadores educacionais, apesar de serem importantes e, até mesmo imprescindíveis para tais ambientes, uma vez que visam a realização plena do ser. Muitos desses profissionais desempenham tarefas e atividades que não lhes competem de acordo com o cargo ocupado nas instituições. Há casos em que os orientadores lidam com os “alunos-problema” ou que não estivessem em adequação quanto às normas escolares. Tal fato pode ser observado justamente pela LDB 9394/96, que trata da não obrigatoriedade de orientadores educacionais fazerem parte do quadro de funcionários das escolas, embora muitas destas contem com os serviços e apoio do orientador educacional. Lück (2009) diz

que durante a década de 1980 a Orientação Educacional foi muito questionada, e isso aconteceu porque muitas das ações praticadas nessa área eram limitadas e mal formuladas, não sendo claras e abrangentes para sua finalidade.

Contudo, na década seguinte, fruto de debates e análises, a Orientação Educacional passou por uma reformulação nos seus conceitos, mas acabou perdendo força e espaço nos segmentos educacionais, o que fez com que virasse o século sem significativas mudanças e com seu significado e funções bastante enfraquecidos. Então, os papéis da OE podem ser divididos em dois grupos: de organização e de implementação.

O primeiro grupo tem o objetivo de preparação das ações a serem tomadas, abrangendo os esforços realizados para atingir os objetivos dos atos pedagógicos. Quando desempenhadas de acordo com sua proposta inicial, essas funções têm o objetivo de garantir a estrutura básica de recursos para a realização dos objetivos sugeridos pela OE, sendo que as funções da organização compreendem o levantamento de dados, planejamento e avaliação, havendo complementação e interligação para aprimoramento e eficácia do desempenho da Orientação.

Já a implementação, de acordo com Lück (2009), tem o objetivo de promover transformação no contexto pedagógico, tendo como algumas características de suas funções: aconselhamento, acompanhamento, coordenação, consultoria, encaminhamento e orientação em grupo. Todas são constituintes das estratégias de ação que têm caráter interdependente e dinâmico.

Para elaborar o planejamento das ações é necessário focar em alguns pontos cruciais para a otimização do projeto, como por exemplo, a análise de informações e previsão de estratégias. Somado a outros pontos, o planejamento assume papel terminante na reforma de conceitos da OE, e é através dessa que as ações seguintes serão comandadas, bem como que rumos irão seguir. Para tanto, é fundamental que os envolvidos no planejamento façam uso da racionalidade, tenham perspicácia para enxergar o futuro e desempenhem seu poder para tomar decisões das diretrizes tomadas na reforma dos conceitos já citados. Esses três pontos caminham juntos para a (re)evolução dos conceitos de OE, conforme dito por Lück (2009).

Além de todos os fatores primordiais explicitados para a realização do planejamento, é necessário enxergá-lo como um processo mental, e isso implica dizer que o planejamento não pode ser feito da noite para o dia, nem ser tratado

como algo simples e de fácil resolução, pois engloba diversos fatores externos que independem da capacidade organizacional de seus realizadores.

Lück diz ainda que há diferenças entre planejamento, plano e projeto, e que é possível explicá-las e explicitar tais diferenças. O primeiro diz respeito ao processo de planejar, constituindo desempenho, realização e aplicação na arte de prever, decidir e organizar. Já os outros dois conceitos são fruto do planejamento e, portanto, são partes integrantes das etapas finais do processo de planejamento, chamados de “um mapa de orientação para viagem” (Lück, 2009). Mas ela ressalta que o planejamento diz respeito às ações, enquanto plano e projeto são registros de tudo aquilo se desenvolveu.

No decorrer do processo de planejamento existem diferentes adversidades, como falta de habilidade para esta executar esta ação, hesitação em assumir responsabilidades e distorção do significado do planejamento, o que leva a imprecisão do mesmo. Assim, é possível dizer que um planejamento mal feito pode comprometer todo o trabalho previsto e formulado, grande importância, como o de reforma conceitual da OE e suas implementações práticas.

Por vezes, o papel do orientador educacional é confundido com o do coordenador pedagógico, pois ambos atuam próximos a professores e alunos. Porém, o primeiro prioriza a atenção para o aluno, buscando auxiliar em suas dúvidas e dificuldades, enquanto o segundo busca coordenar e criar alternativas para os professores poderem trabalhar os conteúdos propostos em seu plano de aula. Essa confusão de atribuições se dá principalmente pela falta de clareza acerca das funções dos orientadores, que são vistos no ambiente escolar como “serviço de apoio”, e não como participante da formação e desenvolvimento dos estudantes.

A não obrigatoriedade da presença de orientadores educacionais nas escolas, corrobora para a possível falta de clareza de sua função nestes ambientes, pois há casos em que a sala do orientador é escondida, pequena e não lhe é dada a devida credibilidade para o desempenho de sua função e capacidade.

Para Grinspun (2001), o Serviço de Orientação Educacional (SOE) foi criado para que professores e demais membros da comunidade escolar pudessem encaminhar os chamados “alunos-problema”, visando sua correção de valores morais e comportamentais. A LDB nº 4024/61 trata da formação do orientador educacional, mas não diz muito sobre suas funções. Porém, em nenhum momento comenta sobre as supracitadas atribuições dadas por vezes aos orientadores, mas

conta que são importantes para a formação e desenvolvimento da personalidade dos jovens. Grinspun (2002) complementa a assertiva dizendo que as áreas de abrangência seriam então, dentre outras, orientação escolar, psicológica, profissional e familiar.

Para melhor compreensão das funções dos orientadores, Grinspun (2003) diz que é necessário analisarmos os diferentes momentos pelos quais a Orientação Educacional passou e desenvolveu no Brasil. A saber:

- Período implementador: de 1920 a 1941 – aliada à Orientação Profissional, a Orientação Educacional era tratada como mediadora e responsável pelo momento de escolha profissional. Durante esse período, havia projeto de implementação da obrigatoriedade do ensino profissional no Brasil;

- Período institucional: de 1942 a 1960 – neste período houve a formalização acerca da obrigatoriedade legal da Orientação nas escolas. Esta ação foi conjunta entre os Ministérios da Educação e Cultura, que visavam o maior reconhecimento e profissionalização dos orientadores;

- Período transformador: de 1961 a 1970 – a Orientação Educacional passou a ser caracterizada para o viés educativo, e não mais profissionalizante da escola (vide Período implementador). Ainda neste período, com a LDB 5540/68, veio a profissionalização dos orientadores, que seria consequência dos cursos de especialização;

- Período disciplinador: de 1971 a 1980 – logo no começo deste período, foi promulgada a LDB 5692/71, que sujeitava a Orientação Educacional ao aconselhamento vocacional. Foi então que a OE passou a trabalhar com questões mais psicológicas e coletivas. Em sequência, com o Decreto 72846/73 da LDB 5564/68.

O artigo 64 da LDB 9394/96 diz respeito à formação de orientadores educacionais, ainda que na prática, seu verdadeiro papel seja, por vezes, indefinido:

Art. 64. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional.

Neste momento, a OE já era questionada, tanto pela sua finalidade na comunidade escolar, quanto pela qualificação dos orientadores, que envolviam-se em praticamente todos os segmentos escolares. A Lei 9394/96 apresenta também a não obrigatoriedade da presença desses profissionais nos ambientes escolares, mas muitas escolas brasileiras os incluem em seu quadro docente.

Quando se trata da orientação profissional, Bock (2006) diz que a função do orientador é auxiliar e trabalhar junto ao indivíduo, com o intuito de que este possa estar mais consciente com relação a si mesmo, conhecendo e identificando-se com as variadas profissões, até o momento de escolher qual seguir. Porém, ao seguir tal linha de pensamento, Bock sugere que os sujeitos não deveriam sofrer drásticas mudanças comportamentais e de pensamento, para que a orientação outrora recebida tenha integral validade.

A função principal dos orientadores, desde sua implementação na década de 1930, mas principalmente na atualidade, é aconselhar e auxiliar profissionalmente os indivíduos que lhes procuram. Devido à já citada não obrigatoriedade da presença destes profissionais nas instituições de ensino, torna-se ainda mais complicada a tarefa de avaliar sua efetividade, qualidade de trabalho e possíveis prejuízos causados aos sujeitos, especialmente os mais indecisos quanto aos seu futuro profissional.

3. METODOLOGIA

3.1 MÉTODO

Este trabalho está caracterizado por uma abordagem de pesquisa por amostra de conveniência ou acessibilidade, de matriz epistemológica qualitativa que, para Vieira (2009), baseia-se no discurso dos participantes, possibilitando a estes pequenos grupos apresentarem suas opiniões acerca da temática trabalhada e desenvolvida, não descaracterizando o seu viés não-probabilístico.

Para tanto, faz-se necessário que o pesquisador escolha um número de pessoas que sejam capazes de representar parcela(s) da população a qual se aplica, com a finalidade de ampliar, facilitar e melhorar o sistema de coleta de dados.

Todavia, a utilização deste critério de amostragem é possível desde que a pesquisa não careça de elevado nível de precisão estatística. Dessa forma, as pessoas participantes dessa modalidade de coleta de dados são selecionadas devido à facilidade de acesso apresentada ao pesquisador, acarretando em mais agilidade na obtenção das informações pré-requisitadas.

No que diz respeito aos objetivos, a pesquisa é exploratória e interpretativa, o que para Gil (1995), objetiva e descreve as características do grupo em que aplica. Pesquisas exploratórias visam desenvolver conceitos e ideias, buscando familiarizar e aproximar o pesquisador com o fenômeno em estudo. Também, este tipo de pesquisa é habitualmente realizado quando há pouco ou nenhum estudo acerca do problema que se pretende melhor compreensão. O objetivo desse tipo de estudo é procurar padrões e hipóteses.

Pelo seu teor interpretativo, a presente pesquisa apresenta também caráter qualitativo, pois permite aos participantes discorrerem sobre o assunto em questão e, posteriormente, ao pesquisador interpretar as respostas fornecidas.

3.2 INSTRUMENTO

Para obtenção dos dados, foi apresentado como instrumento um questionário, que Gil (1995) define:

(...) como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento da opinião, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc. (p. 124).

O primeiro instrumento consiste em questionário elaborado com uma questão indutora, objetivando conhecer a opinião de professores de escolas públicas do DF acerca da Orientação Educacional. Por conseguinte, a esses participantes foi solicitado que completassem a sentença “**Para mim a Orientação Educacional é...**” com três novas frases.

Para o segundo instrumento de amostragem do presente trabalho foram formuladas novas quatro perguntas subjetivas, categorizadas a seguir, de acordo com sua ordem de aparição no questionário: importância da presença de orientadores educacionais nas escolas de ensino médio; principais dificuldades encontradas pelos orientadores educacionais no exercício da profissão; opinião acerca da obrigatoriedade da presença de orientadores educacionais nas instituições escolares e; vantagens da presença de orientadores educacionais nas escolas de ensino médio.

Questionários como o utilizado, abertos, geram respostas subjetivas, possibilitando a livre expressão dos participantes sobre a temática abordada. A análise das respostas obtidas foi elaborada tendo como base uma adaptação da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2009). As cinco categorias propostas no presente trabalho correspondem às cinco questões formuladas e apresentadas no questionário aplicado aos participantes. Portanto, as categorias foram construídas *a priori*, gerando classes assim dispostas (separadas por seus respectivos quadros de resposta):

Quadro 1

- Mediação entre os atores da escola;
- Orientação Pedagógica.

Quadro 2

- Acompanhamento do desenvolvimento do aluno;
- Parceria com o professor e aconselhamento profissional.

Quadro 3

- Dificuldades em relação à carreira;
- Dificuldades com relação à atuação.

Quadro 4

- Justificativas.

Quadro 5

- Orientações aos professores, alunos e pais;
- Assistência no projeto político pedagógico e nas relações coordenação-professores.

3.3 PARTICIPANTES E PROCEDIMENTOS

Por conveniência ou acessibilidade, foram escolhidos quatro professores da rede pública de ensino do Distrito Federal para participarem do processo de coleta de dados da presente pesquisa. Esta foi apresentada juntamente com o termo de participação e o termo de consentimento livre e esclarecido, sempre via *e-mail*. Com prazo livre para devolução dos questionários preenchidos, os participantes jamais sofreram qualquer tipo de interferência para elaborarem suas respostas.

Com a restituição do instrumento, a próxima etapa, então, foi analisá-lo qualitativa e quantitativamente, buscando encontrar ligações entre respostas iguais ou de teor semelhante para cada pergunta.

Dessa forma, foram criadas e apresentadas as possibilidades de interpretação para as sentenças enunciadas pelos professores participantes da pesquisa, bem como a possibilidade de realizar as devidas análises para as cinco questões abertas presentes no questionário.

1. ANÁLISES DOS RESULTADOS

Quadro 1: Categoria 1: Compreensão de Orientação Educacional

<div style="text-align: right;">✓ Respostas</div> <div style="text-align: left;">• Classe</div>	Nº total de ocorrências
<ul style="list-style-type: none"> • Mediação entre os atores da escola <ul style="list-style-type: none"> ✓ Elo de ligação e mediação escola-comunidade ✓ Mais do que tratar de alunos-problema ✓ Ajudar os demais professores • Orientação pedagógica <ul style="list-style-type: none"> ✓ Organização escolar ✓ Garantir a plena inserção do educando no espaço escolar ✓ Integrante no processo de aprendizagem do aluno ✓ Confundida com <i>setting</i> terapêutico ✓ Confundida com supervisor pedagógico 	12

Para os participantes do questionário, a Orientação Educacional deve basear-se a partir da seguinte linha de pensamento: quanto maiores forem a interação, mediação e coletividade, maiores serão os benefícios para os jovens, refletindo também no trabalho do orientador educacional perante a comunidade escolar.

Também para esses participantes, os demais segmentos escolares podem e devem trabalhar com os orientadores no sentido de auxiliar na organização da instituição escolar em questão, propondo novos mecanismos de trabalho, com intuito de potencializar o desenvolvimento dos alunos.

As representações sociais aqui observadas são das percepções sobre as funções fundamentais dos orientadores educacionais, e como há o entendimento da comunidade acerca dos trabalhos que podem ser desenvolvidos por esses profissionais no ambiente escolar.

Tido anteriormente como responsável por lidar com “alunos-problema” ou encaminhador para psicólogos e terapeutas, o orientador educacional assume nova função perante a comunidade escolar: passa a ser o mediador entre os atores da escola. Alunos, pais e demais professores remetem-se aos orientadores educacionais para buscar solução nos diversos conflitos do cotidiano escolar. Para alcançar êxito nesse processo, entretanto, é fundamental que haja relação mútua de confiança entre esses atores, cabendo ao orientador desenvolver a habilidade para lidar e interpretar cada situação conflituosa que por ventura aconteça, inclusive fazendo a prevenção dessas ocorrências.

É importante também a maior aproximação possível desse profissional com as famílias, o que pode ser observado através de reuniões e encontros eventuais. Tal fato se dá porque por vezes, os conflitos externados na escola são reflexos das relações fora deste ambiente, dentro das famílias.

Para os participantes do presente estudo, essa mediação dos orientadores com as famílias é fundamental para o desenvolvimento de um trabalho efetivo e de potencial sucesso, reunindo toda a comunidade escolar para o melhor desenvolvimento dos educandos, não apenas no papel de alunos, mas como seres sociais em processo de formação.

Para Vygotsky (1988), a família é o primeiro exemplo comportamental que as crianças seguem, aproximando-se na linguagem e interações interpessoais. Assim, as primeiras mediações desenvolvem-se natural e espontaneamente, corroborando a teoria de que as crianças são seres interativos, mediados por outrem e, em um primeiro momento, copiam atitudes e comportamentos apresentados por aqueles que as cercam.

Por não serem inertes e estáticos, os sujeitos desenvolvem-se intelectualmente e permanecem interativos, suscetíveis às mediações que lhes são apresentadas durante sua trajetória. No quadro 1, “Compreensão de Orientação Educacional”, é possível perceber que os participantes do questionário enxergam o papel do orientador como fundamental para fazer essa ligação, mediação, e troca de experiências para o desenvolvimento pleno dos jovens.

Por sua capacidade de transformar o ambiente no qual está inserido, o sujeito permanece durante toda a sua vida como um ser social, fato escrito e estudado por Vygotsky, e presente nas respostas do quadro 1, quando citado sobre a mediação existente e integrante no processo de aprendizagem do aluno. Em sua teoria, Vygotsky valoriza o trabalho conjunto e a coletividade para a melhor formação da criança. Porém, não é apenas na fase da infância que faz-se necessária essa coletividade, uma vez que o ser humano é um ser social, capaz de adaptar-se a novos ambientes e adversidades, tornando-os favoráveis para seu melhor desenvolvimento.

Quadro 2: Categoria 2: importância da presença de orientadores educacionais nas escolas de ensino médio

<ul style="list-style-type: none"> ✓ Respostas • Classe 	Nº total de ocorrências
<ul style="list-style-type: none"> • Acompanhamento do desenvolvimento do aluno <ul style="list-style-type: none"> ✓ Acompanhar e orientar os alunos ✓ Contribuição para o amadurecimento do aluno ✓ Mediação de conflitos ✓ Importância para o desenvolvimento do aluno • Parceria com o professor e aconselhamento profissional <ul style="list-style-type: none"> ✓ Aconselhamento profissional ✓ Auxiliar na elaboração da proposta pedagógica ✓ Parceria com o professor para compreender os comportamentos dos alunos 	12

Para os participantes do questionário, a importância da presença de orientadores educacionais nas escolas de ensino médio se dá por motivos às vezes

semelhantes quanto às suas compreensões sobre as funções designadas e desempenhadas pelos mesmos, como por exemplo, orientação e mediação de conflitos (apêndice 4 – classe 1). Conforme Lück (2009), dentre as possíveis funções dos orientadores educacionais, destacam-se: aconselhamento, acompanhamento, coordenação, consultoria, encaminhamento e orientação em grupo. Todas estas características foram citadas direta ou indiretamente pelos quatro participantes, o que reitera as diversas oportunidades de atuação dos orientadores educacionais nos ambientes educativos.

Essas são algumas das características da importância da presença desses profissionais nas instituições escolares. Entretanto, não é conclusivo e tampouco possível mensurar o nível de importância e relevância da atuação dos orientadores, pois o contexto histórico social é dinâmico e fundamental para a análise da atuação.

Uma característica que por vezes é esquecida ou ignorada, mas que foi citada nesse quadro refere-se à atuação dos orientadores junto à comunidade escolar. Tal fato é corroborado pela falta recorrente de comunicação entre escola e família, quando esta é chamada para reuniões relacionadas a mau comportamento e/ou baixo desempenho escolar, enquanto os professores esperam que as famílias dialoguem com os alunos para que passem a ser bons alunos.

Caso haja maior interação entre escola e comunidade, essas reuniões passam a ser mais produtivas, podendo debater assuntos diferentes, de cunho de interesse geral. Por vezes, o projeto político pedagógico fica em segundo plano nas reuniões escolares, mas para um dos participantes deste estudo, cabe ao orientador propor encontros para apresentar e ouvir propostas da comunidade.

Tratar de assuntos contemporâneos é importante pois atrai a atenção dos alunos e de seus pais, deixando-os à par dos acontecimentos dentro de determinada instituição de ensino. Ações e propostas bilaterais beneficiam toda a comunidade escolar, favorecendo o diálogo e melhor entendimento entre as partes.

Outra atribuição citada no quadro 2 é sobre o aconselhamento profissional. Para sua maior efetividade, é importante que o orientador esteja informado e acompanhando as relações de trabalho, bem como o mercado. Dessa forma, segundo Ferretti (1992), é fundamental que o jovem esteja preparado para fazer sua escolha profissional de maneira consciente e responsável. Para ele, a orientação educacional, bem como o aconselhamento, está estritamente ligada às revoluções

de concepções e do próprio mercado de trabalho, cabendo ao orientador estar sempre atualizado e preparado para o melhor aconselhamento.

Com relação à parceria com os demais professores, é importante que os orientadores educacionais conheçam as turmas, busquem maior aproximação com os alunos, conhecendo também seu histórico. Dessa forma, seria possível prever conflitos e adversidades, facilitando assim, o trabalho de todos os componentes da comunidade escolar.

Quadro 3: Categoria 3: Dificuldades encontradas pelos orientadores educacionais no exercício da profissão

<div style="text-align: right;">✓ Respostas</div> <div style="text-align: left;">• Classe</div>	Nº total de ocorrências
<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldades em relação à carreira <ul style="list-style-type: none"> ✓ Falta de clareza quanto à suas funções na escola ✓ Perspectivas diferentes em relação ao trabalho do orientador educacional ✓ Desvalorização da carreira ✓ Baixo número de orientadores nas escolas • Dificuldades com relação à atuação <ul style="list-style-type: none"> ✓ Solução de conflitos ✓ Assessorar os professores no acompanhamento e compreensão de sua turma 	12

Para os participantes do questionário, a maior dificuldade encontrada pelos orientadores educacionais é com relação à sua função na escola. Conforme apresentado no presente trabalho, por vezes a função dos orientadores é confundida com a de coordenador, supervisor pedagógico e psicólogo. Muitos os enxergam como os responsáveis por solucionar eventuais emergências que acontecem no ambiente escolar, profissionais que lidam com “alunos-problema” e que ficam em sua sala lidando com alunos que possuem dificuldade de aprendizagem.

Na visão dos participantes, é fundamental que os orientadores estejam mais intimamente ligados às questões pedagógicas, do que das psicológicas. Também pela falta de clareza quanto às suas funções, esses profissionais sofrem desvalorização na sua carreira, já que por vezes também não sabem exatamente qual é o seu papel, sua atribuição em determinado contexto ou ambiente escolar.

Os demais profissionais da escola tendem a enxergar os orientadores apenas como mediadores de conflitos, retomando ao viés psicológico, e não pedagógico de suas atribuições. Grinspun (2003) diz que a Orientação Educacional ainda não encontrou seu verdadeiro papel dentro das instituições de ensino, o que ajuda a explicar o porquê de ainda haver desvalorização junto aos demais profissionais.

Para que os orientadores possam auxiliar os demais professores, é necessário que ele não atue apenas dentro de sua sala, como se fosse psicólogo dos alunos, mas que circule pelos corredores da escola, conheça os alunos e trabalhe em conjunto com a comunidade e o corpo docente para a plena inserção social dos alunos.

Como não há obrigatoriedade em lei da presença de orientadores educacionais nas escolas, o número de profissionais atuando é bastante reduzido. Pode ser que haja, hipoteticamente, um orientador para um número enorme de alunos. Tal fato agrava e dificulta a realização e desenvolvimento do trabalho desses profissionais, pois conforme dito, é interessante que haja conhecimento sobre o cotidiano dos alunos, dentro e fora da escola. Na visão dos professores participantes do questionário, há esse agravante com relação ao número de orientadores presentes nas escolas.

Quadro 4: Categoria 4: Obrigatoriedade da presença de orientadores educacionais nas escolas

<div style="text-align: right;">✓ Respostas</div> <div style="text-align: left;">• Classe</div>	Nº total de ocorrências
<div style="text-align: center;">✓ Todos concordam que sim</div> <div style="text-align: center;">• Justificativas</div> <div style="text-align: center;"> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Acompanhar e assistir o educando ✓ Auxiliar professores, direção e escola nos planos de ação ✓ Maior clareza quanto à sua função </div>	10

Para os quatro professores que responderam ao questionário, a presença de orientadores educacionais nas instituições de ensino deveria ser obrigatória, pois são profissionais que acompanham e assistem os alunos, e podem auxiliar o corpo educacional na elaboração de projetos e planos de ação. Também com a obrigatoriedade de sua presença, haveria maior clareza quanto à sua real função no ambiente escolar.

Os participantes entendem que as contribuições e benefícios com a presença dos orientadores seriam significativos para o aprimoramento educacional dos alunos. Assim, enxerga-se a cooperação entre todos os segmentos da escola, trabalhando em conjunto para extrair dos alunos todo o seu potencial enquanto sujeitos em constante evolução.

Apesar da não obrigatoriedade de sua presença, bem como a falta de consenso sobre suas funções, “o orientador tem espaço próprio junto aos demais protagonistas da escola para um trabalho pedagógico integrado, compreendendo

criticamente as relações que se estabelecem no processo educacional.” (Grinspun, 2002, p.28)

Quadro 5: categoria 5: vantagens da presença de orientadores educacionais nas escolas de ensino médio

<div style="text-align: right;">✓ Respostas</div> <div style="text-align: left;">• Classe</div>	Nº total de ocorrências
<ul style="list-style-type: none"> • Orientações aos professores, alunos e aos pais <ul style="list-style-type: none"> ✓ Assistência aos alunos, professores e famílias ✓ Orientar e acompanhar o trabalho dos professores ✓ Promover parcerias para a realização de palestras para alunos e comunidade escolar ✓ Possibilita o encaminhamento e ajuda a avaliar as relações entre os alunos e a escola • Assistência no projeto político pedagógico e nas relações coordenação-professores <ul style="list-style-type: none"> ✓ Elaboração do plano de ação ✓ Propor atividades focando nos alunos ✓ Buscar uma ação integrada com a coordenação pedagógica e os professores, obtendo a melhoria do rendimento escolar. 	19

Para os respondentes, existem muitas vantagens quanto à presença de orientadores educacionais no ambiente escolar. Dentre suas funções básicas, está o apoio aos alunos, famílias e demais professores. Também foi listada como vantagem a promoção de parcerias para a realização de palestras motivacionais e de caráter educativo visando a escolha profissional.

Os participantes acreditam que a presença de orientadores aproxima todos os segmentos, pois dentre suas funções, consta a avaliação das relações interpessoais entre os membros escolares e auxiliar na elaboração de planos de ação. Através dessas relações, o orientador, junto com o corpo docente, é capaz de propor atividades que possibilitem aos alunos o maior conhecimento de si mesmos.

É característico dos orientadores buscar instruir os alunos para desenvolverem suas inúmeras capacidades, auxiliando-os a melhorar o desempenho escolar e desenvolvimento social. Os respondentes creem que a presença de orientadores é a oportunidade de a instituição contar com mais um profissional trabalhando em conjunto para que os alunos estejam preparados para sair da escola e seguir a carreira profissional que mais lhes apetece.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a aplicação do questionário e análise das respostas obtidas através dos professores participantes, verifica-se que o objetivo geral deste trabalho foi alcançado. Por meio da pesquisa, as representações sociais sobre a Orientação Educacional, na visão dos professores do sistema público de ensino foram identificadas e, a Orientação foi percebida principalmente como aliada no processo de aprendizagem, priorizando o trabalho conjunto entre todos os segmentos escolares, objetivando a transformação e que resulte na educação dos sujeitos envolvidos de forma integrada, visando alcançar o desenvolvimento pleno dos alunos enquanto seres sociais.

Tendo como base a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici, as análises das respostas aqui apresentadas permitem de maneira parcial, compreender quais os entendimentos que os professores têm sobre a Orientação Educacional. Entendimentos esses que ilustram a importância de se repensar leis que contribuam para a melhor formação e inserção definitiva dos orientadores educacionais nas escolas.

A partir do momento em que se entende a OE como aliada da formação dos alunos, facilitando inclusive para a elaboração de planos de ação, algumas dúvidas começam a ser geradas: Se as vantagens de contar com orientadores nas escolas são inúmeras, por que sua presença não é obrigatória? Por que os segmentos escolares não dialogam e trabalham conjuntamente?

Através das respostas dadas pelos professores participantes, é possível perceber o enorme potencial que é desperdiçado quando os segmentos escolares não se comunicam, quando não se sabe ao certo qual é a real função do orientador dentro do planejamento escolar. Tal fato corrobora para a comentada desvalorização profissional, acarretando no descrédito acerca do trabalho desenvolvido pelo orientador.

Na visão dos respondentes, a OE deveria ter posição mais destacada perante toda a comunidade escolar, pois o trabalho que poderia trazer resultados positivos para os alunos acaba não sendo realizado.

Desse modo, o presente estudo alcançou o objetivo de identificar e mostrar a importância dos orientadores no ambiente escolar. A intenção aqui exposta é de reflexão sobre melhorias no ambiente escolar, apresentando benefícios para a maior inclusão dos orientadores nesse contexto, visando a qualidade do ensino e das relações interpessoais entre os atores da escola e comunidade.

TERCEIRA PARTE

1. PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

A partir desse momento em que se dá a conclusão do curso de graduação em Pedagogia, surgem alguns desejos e expectativas. A primeira delas seria trabalhar na área de coordenação ou nos Serviços de Orientação Educacional/Vocacional. Estes são os meus maiores desejos ao concluir o curso de Pedagogia. Os Projetos 3 e 4 foram fundamentais para que eu tivesse postura firme sobre minhas vontades, embora não definitivas e estáticas.

Até pelas vastas e numerosas áreas de abrangência que o curso de Pedagogia proporciona, nenhuma possibilidade é vetada, embora para exercer alguns papéis seja necessário fazer curso(s) de especialização, como é o caso da Orientação Educacional/Vocacional. Mas há outras maneiras de atuar e exercer a profissão, inclusive fora de ambientes escolares. E justamente esses locais são desafios para qualquer iniciante na carreira profissional.

Outra expectativa e de imenso desejo é ser aprovado em concursos públicos de nível superior, não apenas os específicos para Pedagogia.

Além disso, ter a oportunidade de fazer curso(s) de especialização, pós-graduação como Mestrado dentro ou fora do país é um sonho que espero realizar, pois estes trarão grandes experiências de vida e enriquecerão meu currículo, oportunizando conhecimentos ímpares.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. *Representações Sociais: Aspectos Teóricos e Aplicações à Educação*. In: Revista Em Aberto, Brasília, ano 14, n. 61, p. 60-78, jan. / mar. 1994
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BRASIL. *Lei n. 4024, de 20 de dezembro de 1961: Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/147736194/LDB-4024-61> Acesso em 14 de novembro de 2014.
- BRASIL. *Lei n. 5.564, de 21 de dezembro de 1968: Provê sobre o exercício da profissão de orientador educacional*. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L5564.htm Acesso em 14 de novembro de 2014.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- DOISE, W. (1989). *Atitudes et représentations sociales*. Em D. JODELET (Org.), *Les représentations sociales*, Paris: PUF.
- FERRETTI, Celso João. *Uma Nova Proposta de Orientação Profissional*. São Paulo: Cortez, 1992.
- GAZETA DO SUL. *O trabalho do orientador educacional*. Disponível em: <http://grupogaz.com.br/gazetadosul/noticia/119728-o-trabalho-do-orientador-educacional/edicao:2004-05-17.html> 2004. Acesso em 17 de novembro de 2014.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- GILLY, M. *As representações sociais no campo educativo*. Educar em Revista, n. 19. Curitiba: Editora da UFPR, 2002.
- GRINSPUN, Mirian Paura Sabroza Zippin. *A orientação educacional: conflito de paradigmas e alternativas para a escola*. São Paulo: Cortez, 2002.
- GRINSPUN, Mirian Paura Sabroza Zippin. *Supervisão e orientação educacional*. São Paulo: Cortez, 2003.

- JODELET, Denise. *Representações sociais: um domínio em expansão* Em: D. JODELET (Org). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.
- LUCK, Heloísa. *Planejamento em Orientação Educacional*. 21 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.
- MOSCOVICI, S. (1976). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: P. U. F.
- MOSCOVICI, S. *A Representação Social da Psicanálise*. Rio De Janeiro: Zahar, 1981._____. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- MOSCOVICI, S. *Introducción: El Campo de la Psicología Social*, In: *Psicología Social I*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1984.
- MOSCOVICI, S., «Notes towards a description of social representations», in *European Journal of Social Psychology*, 18, PP 219, 1988.
- NOVA ESCOLA. *Orientador Educacional: o mediador da escola*. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/mediador-escola-427372.shtml> 2014. Acesso em 27 de novembro de 2014
- VIEIRA, S. *Como elaborar questionários*. São Paulo: Atlas, 2009.
- VYGOTSKY, L. *A formação Social da Mente: O desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

APÊNDICES

Apêndice 1

Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação - FE
Departamento de Métodos e Técnicas - MTC
Coordenadora: Teresa Cristina Siqueira Cerqueira
TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PESQUISA ACADÊMICA

Declaro, por meio deste termo, que concordei em participar da pesquisa de campo referente ao Trabalho de Conclusão de Curso intitulado - Representações Sociais dos professores do sistema público de ensino do Distrito Federal sobre Orientação Educacional, a ser apresentado pelo aluno Igor Monteiro Barbosa, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Universidade de Brasília.

Fui informado(a), ainda, de que a presente pesquisa é coordenada e orientada pela Prof^a Dr^a Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone institucional (61) 3307-2130 ou *e-mail* teresacristina@unb.br.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus, e com a finalidade exclusiva de colaborar para o desenvolvimento da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo que, em linhas gerais, identificar e analisar as representações sociais dos professores sobre a Orientação Educacional.

Também estou esclarecido(a) acerca dos usos das informações por mim oferecidas, que estão submetidos às normas éticas destinadas exclusivamente para fins acadêmicos. Minha colaboração far-se-á de forma anônima, por meio de respostas qualitativas e que só serão feitas a partir da assinatura do presente termo consentido. O acesso e a análise dos dados coletados serão feitos apenas pelo aluno Igor Monteiro Barbosa, e pela Prof^a Dr^a Teresa Cristina Siqueira Cerqueira. Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desta pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos de qualquer natureza.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento, que é livre e que visa unicamente a pesquisa acadêmica, conforme protocolos éticos supracitados.

Brasília, ____ de _____ de ____

Assinatura do(a) participante: _____

CPF _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): Igor Monteiro Barbosa CPF _____

Apêndice 2**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA****FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Coordenação e orientação: Prof^a Dr^a Teresa Cristina Siqueira Cerqueira

Você está convidado(a) para participar e responder a este questionário, de maneira anônima, que faz parte da coleta de dados para a pesquisa de apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso sobre Representações Sociais dos professores do sistema público do Distrito Federal sobre Orientação Educacional, sob coordenação e orientação da Prof^a Dr^a Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, do Departamento de Teorias e Fundamentos da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Caso você concorde em participar da pesquisa, atente-se aos seguintes pontos: A participação é livre, e seu anonimato é garantido, conforme dito no parágrafo 1; o presente questionário é composto de 5 (cinco) questões abertas, totalizando 8 (oito) itens; busque responder às questões de maneira clara e com a máxima veracidade possível; caso tenha interesse, poderá ser informado(a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente do fato de mudar seu consentimento em participar da mesma.

Apêndice 3**Questionário**

- 1) Complete a seguinte frase com três respostas: “Para mim a orientação educacional é...”
 - a) _____
 - b) _____
 - c) _____

- 2) Em sua opinião, qual a importância da presença de orientadores educacionais nas escolas de ensino médio?
- 3) Quais são as principais dificuldades encontradas pelos orientadores educacionais no exercício da profissão?
- 4) Em sua opinião, a presença de orientadores educacionais deveria ser obrigatória nas escolas? Por quê?
- 5) Em sua opinião, quais são as vantagens da presença de orientadores educacionais nas escolas de ensino médio?